



Dois escritores descendentes de judeus sefarditas na Amazônia: Márcio Souza e Rogel Samuel

Two writers descended from Sephardic Jews in the Amazon: Márcio Souza and Rogel Samuel

Alessandra Conde da Silva*

Universidade Federal do Pará | Belém, Brasil
afcs77@hotmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta dois escritores amazônicos que descobriram a sua origem judaica na maturidade. Márcio Souza declara-se judeu, enquanto Rogel Samuel apenas revela-se conhecedor de sua ascendência. Em seus romances, até o momento, os dois escritores não subsumiram a temática judaica, mas manifestaram a sua ancestralidade judaica em contextos não ficcionais.

Palavras-chave: Márcio Souza; Rogel Samuel; Origem judaico sefardita.

Abstract: This work presents two Amazonian writers who discovered their Jewish origin in adulthood. Márcio Souza declares himself Jewish, while Rogel Samuel only reveals himself aware of his ancestry. In their novels, so far, the two writers have not subsumed the Jewish theme, but expressed their Jewish ancestry in non-fictional contexts.

Keywords: Márcio Souza; Rogel Samuel; Sephardic Jewish origin.

Introdução

A presença judaica na Amazônia logrou maior representatividade a partir do século XIX. A imigração de sefarditas, advindos do Marrocos, fugidos da pobreza e de perseguição, foi estimulada desde a abertura dos portos às nações amigas, política incentivada pela chegada da família real no Brasil, 1808. Durante o Ciclo da Borracha, entre 1880 e 1920, uma onda imigratória trouxe um maior número de judeus marroquinos para a Amazônia. Segundo Eva Alterman Blay¹,

no fim do século XIX mudou o processo imigratório em geral, inclusive

* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás e Professora da Universidade Federal do Pará.

¹ SORJ, 2008, p. 37 e 42 citado por BLAY, 2008.



o judaico. Em número reduzido, se comparado a algumas outras nacionalidades, os judeus provêm sobretudo da Europa Oriental (ashkenazim) onde tinham vivido por séculos. Houve também uma leva imigratória proveniente do Norte da África, especialmente do Marrocos e da cidade livre de Tânger (sefardim).

[...]

Era tão freqüente a vinda de imigrantes para a Amazônia que os navios da Companhia Italiana Ligure Brasileira “fazia(m) a linha Gênova, Marselha, Tânger, Lisboa, Belém, e Manaus...”.

Desafiando as grandes casas aviadoras pertencentes aos ingleses, franceses e portugueses, que controlavam o comércio extrativista e de bens manufaturados na região, muitos imigrantes passaram a negociar diretamente com os seringueiros, trocando os produtos extrativistas e peles de animais por remédios, peças de vestuário e alimentos. Para Blay²,

entre os judeus imigrantes muitos trabalhavam como empregados destes aviadores. Mas alguns tentaram romper o monopólio das grandes empresas. Sírios, libaneses e judeus instalaram pequenos negócios e foram procurar o seringueiro diretamente nas margens dos igarapés, às escondidas, para vender mercadorias e comprar borracha.

Viajando pelos rios amazônicos, os judeus imigrantes construíram uma história peculiar. Pioneiros na região, trabalharam como regatões, seringueiros, comerciantes, sustentando a família da melhor forma possível, mas lutando, sobretudo, para manter a tradição de seus ancestrais. No entanto, o encanto das caboclas nativas de tez morena e corpo escultural atraiu muitos imigrantes. Além disso, o isolamento na floresta e as longas viagens, rumo às comunidades ribeirinhas, favoreceu o contato cultural entre judeus e os amazônidas. Samuel Benchimol³ relata:

Um número muito grande de famílias judaicas desapareceram para o judaísmo, pois seus descendentes no interior foram incorporados e integrados à massa anônima dos caboclos empobrecidos, que adotaram o culto católico, evangélico,

² SORJ, 2008, p. 43 citado por BLAY, 2008.

³ BENCHIMOL, 2008, p. 187.



espiritista e até umbandista, esquecendo de vez as suas origens ancestrais judaicas.

Há textos na literatura amazônica que dão conta disso, isto é, retrataram aspectos da cultura e da presença judaica na Amazônia. Alguns desses textos foram produzidos por escritores descendentes de judeus sefarditas, como se vê em algumas obras de Sultana Levy Rosenblatt, Marcos Serruya, Elias Salgado, Leão Pacífico Esaguy e Paulo Jacob. Este, embora não seja judeu, mas deles descendente, construiu o romance *Um pedaço de lua caía na mata*, narrativa que fala de Salomão Farah e da sua família, moradores de uma cidade interiorana amazônica. No entanto, Márcio Souza e Rogel Samuel são dois escritores descendentes de judeus sefarditas, nascidos na Amazônia que não professam a fé judaica, não seguem os rituais do judaísmo. Márcio Souza declara-se judeu, enquanto Rogel Samuel apenas revela-se conhecedor de sua ascendência. Em *Imigrantes judeus / Escritores brasileiros*, Regina Igel diz que aceitará a declaração do escritor quanto à sua ascendência judaica, para reconhecê-lo como judeu. Ela utiliza a visão de Richard Tuerk, manifestada no artigo “Jewish-American Literature” para nortear “a percepção da identidade judaica, para fins analítico-literários”⁴. Tomamos a mesma visão como fundamento paradigmático para listar um escritor como judeu ou dele descendente.

Conhecedores de suas origens, os escritores, até o momento, não construíram em seus romances, personagens judeus ou adotaram temas judaicos; preferiram não incluir a cultura judaica nos seus romances.

1- Márcio Souza, Rogel Samuel e as raízes judaicas

Márcio Souza, nascido no Amazonas, é autor dos romances *Galvez, o imperador do Acre* (1976) e *Mad Maria* (1980). Escreveu em parceria com Moacyr Scliar o livro *Moisés e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil* (2000). Em 2019, publicou a *História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI*. Nele há referências sobre a imigração sefardita na região Amazônica destacando a “sua contribuição social, intelectual e política à região”⁵. Em *Entre Moisés e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil* (2000), Márcio Souza e Moacyr Scliar comentam sobre a história dos asquenasitas e sefarditas no Brasil e do sentimento de ser judeu. Segundo Luiz Antonio Aguiar⁶,

⁴ IGEL, 1997, p. 2.

⁵ IGEL, 2019, p. 45.

⁶ AGUIAR, 2000, p. 8-9.



tanto esse sentimento característico quanto os seus ecos, de fato, a matéria central deste livro, explorada literária e afetivamente nos depoimentos de Moacyr e Márcio. Não se trata aqui de historiar em detalhes e com preocupações mais precisas os diversos aspectos da imigração judaica para o Brasil, nem de delinear um perfil de como essa imigração ocorreu em cada região. Do que se fala, aqui, é do sentimento de ser judeu no Brasil, tentando entender a própria história do país por esse prisma, num momento em que se reconsideram as origens e fontes de formação do povo brasileiro.

Sobre este assunto, Márcio Souza⁷ atesta que muitos judeus ou seus descendentes foram “absorvidos” pela cultura amazônica. Entranhados nas florestas, navegantes dos rios da região, os judeus foram atraídos pelas promessas econômicas durante o Ciclo da Borracha, vivendo em seringais e outras regiões remotas da Amazônia. Descendente de Bentes e Sevalhos, Márcio Souza afirma que desde o século XVII há o registro de Bentes na região amazônica e de Sevalhos, oriundos do Marrocos, no século XIX. Para ele,

alguém já disse que o grande perigo enfrentado pelos judeus no Brasil não é exatamente o anti-semitismo, mas a assimilação. Um dos resultados da chegada pioneira dos *sefaradim* à Amazônia no começo do século XIX foi a herança de centenas de assimilados que gravitaram para fora do judaísmo pelo isolamento e a solidão dos grandes ermos amazônicos. esta foi a razão para a minha família demorar a reencontrar suas raízes judaicas. E se isto aconteceu, foi graças aos estudos do professor Samuel Benchimol sobre a presença dos judeus na Amazônia. Só então ficamos sabendo – **com orgulho** – de nossas origens judaicas⁸.

A condição da perda da identidade judaica experimentada por muitos descendentes de judeus mostrou-se ser recorrente entre muitas famílias judias., em razão do “isolamento imposto pela Amazônia aos judeus”⁹. Márcio Sousa cita a família dos Assayag que se tornou católica. Alguns não têm a consciência “do sangue hebreu que corre em suas veias”¹⁰, embora ainda conservem o sobrenome judeu. Diferentemente,

⁷ SCLiar; SOUZA, 2000, p. 112.

⁸ SCLiar; SOUZA, 2020, p. 115 (Grifo nosso).

⁹ SCLiar; SOUZA, 2020, p. 116.

¹⁰ SCLiar; SOUZA, 2020, p. 116.



como cita Márcio Souza, são circunstâncias insólitas que marcam a presença judaica na Amazônia, tanto entre os que se desprendem dos ritos e tradições judaicas quanto os que os procuram manter. Márcio, assim como Henrique Veltman apresentam um depoimento de Sultana Levy Rosenblatt sobre como foram realizadas algumas cerimônias de circuncisão dos meninos na Amazônia, relatando as dificuldades de se conseguir o oficiante, o *mohel*, e o *minyán*, número adequado de homens para a realização do ritual:

Vale a pena reproduzir uma cena emocionante, narrada pela escritora Sultana Levi, em texto que nos foi entregue por sua prima Anita Levi Soares: "Estava de compras com uma prima, quando ela lembrou que devia ir a uma sinagoga improvisada (no Marajó), onde umas crianças vindas do interior iam ser circuncisadas, e fui com ela. Para minha surpresa, os meninos deviam ter de 9 a 12 anos. Eram três. E os três se aconchegavam um ao outro, calados, trêmulos de medo. Quando um velho de queixo comprido, contando os presentes, anunciou: - Já temos *minyán*, vamos

começar. Desencadeou-se uma verdadeira tourada, ou "com que se prende o touro". Os meninos corriam, gritando, proferindo palavrões, defendendo com as mãos o lugar a ser operado, repetindo, "não me cape, seu desgraçado, seu filho da puta, não me cape". E os homens rindo, corriam atrás, cercavam, fechavam a saída nas portas, até conseguirem agarrar os três. De pés atados, ao som das orações próprias, foram circuncisados, diante de todos e sem qualquer anestesia. Minha prima era *chachamá* (sábia, estudiosa). Era descendente do grande rabino Eliezer Dabela, de quem herdou poderes sobrenaturais. Sua presença ao ato era necessária, porque ela tinha o dom de acalmar dores com a força de suas preces. Eu me escondi na outra sala, apavorada. Mas não ouvi gritos, pelo contrário, sons de alegria. Dentro em pouco, tudo estava terminado. Quando vieram me chamar para tomar parte na festa, fiquei surpreendida ao ver os três garotos comendo e bebendo entre os convivas. Já então sorriam e pareciam felizes. É que, mesmo vivendo no interior, na selva, eles aspiravam por este dia. Sentiam orgulho de ser judeus. Mas este orgulho não nasceu da liberdade de religião prometida aos imigrantes. Absolutamente. Eles tinham que lutar para manter o seu judaísmo"¹¹.

¹¹ ROSENBLATT citado por VELTMAN, 2005, p. 61.



O burlesco da cena não minimiza a importância do ato para os hebraicos em luta pelas suas tradições. Para os meninos, o temor pelo desconhecido logo passou e eles puderam regozijar-se com os convivas a alegria de serem judeus. Samuel Benchimol¹² comenta em *Eretz Amazônia* que “é muito difícil ser, viver e ficar judeu em qualquer parte do mundo e, sobretudo, na Amazônia”, o que não significa que não haverá meios de sanar ou amenizar as dificuldades.

Ainda que nos romances de Márcio Souza não haja a presença de personagens judeus, em 2010, ele escreveu uma peça teatral em comemoração aos 200 anos da imigração judaica na Amazônia. Encenada em Manaus, a peça é homônima à seminal obra de Samuel Benchimol, *Eretz Amazônia*. Inspirada no trabalho de Benchimol, a peça tem como mote a imigração judaica na região amazônica e conta com pinceladas de humor judaico. Em 2018, foi publicada em *Teatro seletto*, livro que conta ainda com a presença de mais duas peças de Márcio Souza. Na peça *Eretz Amazônia* de Souza, há sete cenas, cada uma correspondente a um lugar e a um tempo específicos. Corre na peça histórica uma cronologia que procura dar conta da história da imigração: do Marrocos no século 19, à mata amazônica, passando por Parintins e Manaus, embrenhando-se no seringal e navegando o rio Purus. Episódios de antissemitismo estão presentes no texto, tanto os que relatam sobre a vida no Marrocos, como os sofridos na Amazônia. No prólogo, a didascália instrui os atores a falar com a plateia sobre a saída “de seus lugares de nascimento em busca de melhores condições de vida”¹³ (SOUZA, 2018, p. 105). Os atores referenciam três lugares de diáspora: Babilônia em 539 antes da era comum, a Península Ibérica, em 1492 e o Marrocos, em 1810. Em seguida, a peça inicia com uma celebração do *shabat* em Tetuão, no Marrocos, onde os personagens aterrorizados pelas perseguições étnicas e religiosas decidem imigrar para o Pará. Diz Rafael: “Agora vamos celebrar o Shabat, minha sogra. Acendas as velas. O próximo será no Pará”¹⁴.

Assim como Souza, Rogel Samuel, escritor e professor universitário, autor de *O amante das amazonas*, conhece a sua origem judaica. Em seu *blog*¹⁵ comenta ser neto de Maurice Samuel, judeu francês sefardita que veio para o Brasil, passando a residir em Manaus. Ele foi um exportador de borracha. Segundo Blay, ocorreu uma imigração judaico-francesa na região amazônica também no século XIX.¹⁶ O pai de Rogel Samuel, Albert, filho de uma índia peruana chamada Antonia Cellis, foi criado na França. Durante a

¹² 2008, p. 175.

¹³ SOUZA, 2018, p. 105.

¹⁴ SOUZA, 2018, p. 112.

¹⁵ As informações sobre a família de Rogel Samuel podem ser encontradas neste sítio eletrônico: Disponível em: <http://literaturarogelsamuel.blogspot.com/2018/11/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

¹⁶ SORJ, 2008, p. 42 citado por BLAY, 2008.



Guerra Civil Espanhola atravessou a região rumando ao Brasil. A vinda para o Brasil, salvou-lhe a vida, pois todos os seus parentes foram mortos pelos nazistas. Sobre *O amante das amazonas*, Rogel comenta que se baseou em alguns relatos presentes na obra *Jaguereté, o guerreiro*, de Albert Samuel, exímio navegador dos rios amazônicos, comerciante de borracha.¹⁷

No livro de Rogel há uma referência ao avô, mas não há referências à sua condição judaica. É na história da fabricação do livro que se veem os ecos judaicos. Na capa do livro há fotos da embarcação “Adamastor” de propriedade de Maurice Samuel. As memórias emotivas, familiares, surgem como imagens ainda que em ruínas. São elas que ajudaram Rogel Samuel a contar uma história amazônica, ouvida do pai, uma história entretecida para ser uma narrativa policial, dividida em duas partes.

Na primeira, o esplendor do Ciclo da Borracha tem como o seu representante Pierre Bataillon. Na segunda parte, o tom policial sobressai. A procura por José Bataillon é a tônica da narrativa. Nesta demanda, estabelecida em uma ambiência rica em prodígios, como o próprio narrador a define,¹⁸ descortina-se não apenas os mistérios, mas a decadência do estilo *art-nouveau*, representado pelo palácio na floresta amazônica, e das grandes fortunas oriundas dos seringais.

A derrocada financeira alavancada pela crise da borracha faliu muitos investidores e comerciantes. Maurice Albert foi um deles: “Fortunas colossais se reduziram a pó. Maurício Samuel, um dos ricos, perdeu até os móveis de sua casa, penhorados, e mudou-se para uma pequena casa alugada na Silva Ramos”.¹⁹ Para Neuza Machado em *O fogo da labareda da serpente: sobre o Amante das Amazonas, de Rogel Samuel*:

Foi, talvez, a partir da imagem de Maurice (possivelmente e sintagmaticamente, sempre destacada com reverência e respeito), metaforicamente assimilada (somatório) às antigas figuras dos chefes políticos manauaras, que houve surgir representações/recriação do poderoso Pierre Bataillon²⁰.

A história de *O amante das amazonas* não é sobre a família Samuel. A obra fala do apogeu e da decadência do Ciclo da Borracha. A vida de Pierre Bataillon, o luxo do Palácio Manixi e a vida na exuberante floresta encantam, mas ao mesmo tempo contrapõem-se à cultura indígena subjugada, ao seringueiro oprimido, às mulheres

¹⁷ Sobre *O amante das Amazonas*, Rogel Samuel atesta em *Por que escrevi* as razões que o levaram a escrever o referido romance. Este texto está disponível em seu *blog*: <https://www.portalentretextos.com.br/post/por-que-escrevi-o-amante-das-amazonas>.

¹⁸ SAMUEL, 1992, p. 49.

¹⁹ SAMUEL, 1992, p. 67.

²⁰ MACHADO, 2008.



violentadas e às agruras e selvagerias da floresta e dos rios amazônicos. Além disso, a decaimento dos trabalhos e das fortunas dos grandes exportadores, as falências dos comerciantes expõem um outro lado na história de oprimidos e opressores. Os revezes da vida colocam alguns personagens à prova. A narrativa é cheia de mistérios e encantamentos, como só um palácio emaranhado por uma densa floresta pode sê-lo. De acordo com Machado,

[...] para interagir com a diferenciada obra ficcional de R. Samuel concernente ao espaço geográfico, social e mítico do Amazonas, movi-me inicialmente pelas explicações do próprio escritor, dadas por intermédio de entrevistas publicadas em meio eletrônico. Rogel Samuel ofereceu assim aos leitores de seu romance encaminhamentos seguros sobre a natureza de sua criatividade ficcional, que reputo como autenticamente Pós-Moderna/Pós-Modernista de Segunda Geração. Autêntica, porque há, no momento, inautênticos autores que se fazem passar por ficcionistas pósmodernos, mas que são, em verdade, escritores-mercadores de uma literatura de massa sem nenhum crédito no âmbito da Arte Literária, conceituados pela mídia enganosa deste momento sócio- intelectual como bons escritores mas visando apenas ao lucro em detrimento da qualidade do texto. O romance de Rogel Samuel, como um exame teórico-interpretativo-reflexivo pode demonstrar, ultrapassa exigências comerciais, mostrando-se como uma narrativa de alto nível criativo.²¹

Além de *O amante das Amazonas*, Rogel Samuel escreveu *Teatro Amazonas*, romance histórico sobre a construção do Teatro Amazonas, em Manaus, relatando os bastidores da edificação do teatro e episódios que envolvem o governador Eduardo Ribeiro e seu assassinato.

A trajetória desses dois escritores descendente dos judeus sefarditas comunica-nos um fato relevante para o estudo da presença judaica na Amazônia. As relações transculturais apagaram muitas práticas da cultura judaica entre muitas famílias originalmente judias radicadas na Amazônia, deixando apenas rastros. Há, no entanto, um arrazoado que julgamos importante: o orgulho da ascendência judaica e o reconhecimento da sua identidade, pois ambos manifestam às claras as suas origens.

²¹ MACHADO, 2011, p. 407.



Regina Igel afirma que tanto Clarice Lispector como Márcio Souza não se renderam à temática judaica.²² Além disso, Igel acrescenta: “a origem judaica de um escritor ou escritora não assegura, necessariamente, a temática judaica de um texto”.²³

São em textos não ficcionais que Márcio Souza e Rogel Samuel asseveram o conhecimento da sua ascendência judaica. Márcio Souza testemunha que foram os estudos de Samuel Benchimol que o informaram de suas origens judaicas, deixando-o deveras orgulhoso, conforme vimos. Rogel Samuel em seu *blog* dá um relato consciente sobre essa ancestralidade:

Li “Eretz Amazônia – os judeus na Amazônia”, de Samuel Benchimol, para encontrar-me.

Minhas raízes judaicas.

Quando eu era jovem, na faculdade, aqui no Rio de Janeiro, meu apelido era “Judeu errante”.

Nem sei por quê.

O livro me foi enviado por uma grande amiga. Li-o com avidez, leitura fácil, agradável, Samuel Benchimol (1924-2002) era um bom escritor, além de pesquisador cultíssimo e professor catedrático.

Eu já o tinha muito lido, principalmente aquele seu extraordinário “Amazônia”, que amplamente usei na construção do meu romance “O amante das amazonas”.

E o conheci de vista, quando ele ainda morava na Rua 10 de julho, e jogava xadrez no “Luso” com meu irmão.

Li “Eretz Amazônia” para encontrar-me, ainda que não seja judeu, mas neto de judeu. Só é judeu filho de mãe judia, ou aquele que se converteu.

Minha amiga e escritora Bella Josef (1926-1910) um dia me convidou para aderir ao grupo, mas eu agradei, estou muito velho para mudar.

E encontrei ali o meu avô Maurice Samuel em vários lugares do livro, principalmente no “Boom do ciclo da Borracha”, da página 117, ao lado dos Levy, dos Kahn etc., homens empreendedores e muito ricos, todos franceses e alsacianos, como meu avô (Marius & Levy edificaram o edifício dos Correios, na esquina da Av. Eduardo Ribeiro o mais alto da cidade).

O escritório de meu avô ficava na rua Marcílio Dias, onde hoje está o Hotel Amazonas.

²² IGEL, 1997, p. 5.

²³ IGEL, 1997, p. 5.



Ficava lá. E no meu coração.

Ele era dono do navio Adamastor, cuja figura se encontra no meu livro.

Faleceu na pobreza, no ano em que nasci: 1943.²⁴

A ancestralidade judaica de Rogel Samuel permitiu que ele se encontrasse como um descendente dos hebraicos amazônicos, aqueles desbravadores dos rios e da floresta. Se a religião esvaiu-se com a mudança dos tempos e dos costumes, do contato com os muitos povos nativos, restou a herança que os sobrenomes podem revelar, uma herança ancestral de um povo em luta constante pela existência e pela perpetuação da história. Na Amazônia, muitos deles sobreviveram e os seus descendentes rendem-se em sua memória.

Referências

AGUIAR, Luís Antonio. Prefácio. In: SCLIAR, Moacyr; SOUZA, Márcio. *Entre Moisés e Macunaíma. Os Judeus que descobriram o Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. p. 7-21.

BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia*. Os judeus na Amazônia. Manaus: Valer, 2008.

BLAY, Eva Alterman. Judeus na Amazônia. In: SORJ, B. (org.). *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 25-57.

http://www.comiteisraelitadoamapa.com.br/sc/upload/files/Os_Hebraicos_da_Amazonia.pdf. Acesso em: 25 set. 2020.

IGEL, Regina. *Imigrantes judeus/escritores brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

IGEL, Regina. Resenha. In: SALGADO, Elias; SALGADO, David. *Universo Sefarad*, n. 4, p. 44-45, 2019.

MACHADO, Neuza. *O fogo da labareda da serpente: sobre o Amante das Amazonas, de Rogel Samuel*. Rio de Janeiro: N. Machado, 2008. Disponível em: <http://ofogodalabaredadaserpente.blogspot.com/>. Acesso em: 22 fev. 2021.

MACHADO, Neuza. O fogo da labareda da serpente. *Passages de Paris* 6, 2011, p. 406-411.

ROGEL, Samuel. *Por que escrevi*. Disponível em: <https://www.portalentretextos.com.br/post/por-que-escrevi-o-amante-das-amazonas>. Acesso em: 31 ago. 2020.

SAMUEL, Rogel. *Meu avô*. Disponível em: <http://literaturarogelsamuel.blogspot.com/2018/11/>. Acesso em: 22 ago. 2020.

SAMUEL, Rogel. *O amante das Amazonas*. Rio de Janeiro: Aió, 1992.

²⁴ Este relato de Rogel Samuel está disponível em: <http://literaturarogelsamuel.blogspot.com/2012/01/os-judeus-na-amazonia.html>. Acesso em: 23 maio 2020.



SAMUEL, Rogel. Os judeus na Amazônia. Disponível em: <http://literaturarogelsamuel.blogspot.com/2012/01/os-judeus-na-amazonia.html>.

Acesso em: 23 set. 2020.

SCLIAR, Moacyr; SOUZA, Márcio. *Entre Moisés e Macunaíma. Os Judeus que descobriram o Brasil*. Rio de Janeiro, Garamond, 2000. SOUZA, Márcio. *Teatro seletto*. Manaus: Reggo/Academia Amazonense de Letras, 2018.

VELTMAN, Henrique. *Os hebraicos na Amazônia*. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12979333/os-hebraicos-da-amazonia-por-henrique-veltman>. Acesso em: 23 maio. 2020.

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/03/2021.